



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Agroecologia, Vida e Esperança: A Luta de Duas Mulheres Pela Transição Agroecológica

Fátima Giovana Tessmer Santin¹; Nádia Tessmer; Hercules Gonzales; Betina Bertoni Andrade; Fabrício Sanches Medeiros; Cícero Bacchieri Duarte Cavalheiro; Murilo Cabral Gianoti; Arnaldo Ferreira; Joel Henrique Cardoso

¹santingiovana@gmail.com

Tema Gerador: Mulheres e Agroecologia

Apresentação

A experiência é vivenciada por mim, Fátima Giovana Tessmer Santin e minha mãe Nádia Tessmer, juntamente com o Grupo de Agroecologia (GAE) e o Grupo de Agricultores parceiros do Projeto SAF, ação liderada pela Embrapa Clima Temperado. O presente relato apresenta um recorte de nossa trajetória familiar e o nosso estabelecimento que tem, a duras penas, possibilitado o sustento de nossa família, sendo até o momento a fumiicultura a principal atividade geradora de renda. Atualmente, nossa família inicia uma experiência agroflorestal agroecológica, que coloca em evidência a sensibilidade de jovens e mulheres para às demandas de uma nova agricultura e como estas estratégias inovadoras respondem às questões de gênero e geração no meio rural.

Contextualização

Moramos no município de Canguçu, Rio Grande do Sul, na localidade de Ares Alegre – 1º distrito. O município está incrustado na Serra dos Tapes, a qual forma junto com a Serra do Herval, a região fisiográfica gaúcha Serras do Sudeste, serras divididas pelo rio Camaquã, que limita o município ao norte.

Os solos da Serra do Sudeste são considerados os mais antigos do estado e conformam a região fisiográfica do Escudo Cristalino Sul Rio-Grandense, de origem granítica.

O município possui o maior número de minifúndios do Brasil, com cerca de 14 mil propriedades rurais, sendo reconhecido como Capital Nacional da Agricultura Familiar. A fumiicultura aparece como importante atividade geradora de renda, o que coloca o município como líder estadual em número de estabelecimentos produtores de tabaco do RS, no ano de 2017.

Desde 2005, quando minha mãe começou a cultivar tabaco, nossa principal fonte de renda provém desta atividade. É um cultivo muito penoso e totalmente dependente das empresas e, enquanto filha, esta situação sempre me causou muito descontentamento ao ver minha mãe dependente desta renda para poder nos manter.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



A partir das vivências dos agricultores em transição agroecológica da Serra dos Tapes, instituições e movimentos que defendem a agroecologia neste território, com destaque para o Grupo de Agroecologia da Universidade Federal de Pelotas, movimento estudantil que participo enquanto estudante de agronomia, surgiram importantes ferramentas para transformação desta realidade que atinge a minha família e tantas outras. Hoje, vejo que é possível sairmos da dependência e trilharmos novos caminhos com maior autonomia e qualidade de vida.

Desenvolvimento da experiência

A semente da transformação foi semeada em 2014 quando conheci o Grupo de Agroecologia (GAE), que possui uma ocupação no campus da UFPel com uma agrofloresta. Quando visitei pela primeira vez a agrofloresta do GAE me encantei. Chamou minha atenção a grande quantidade de espécies, complexidade e funções do sistema.

Aos poucos fui entrando em contato com aquela nova realidade. Começamos a discutir coisas bem práticas da agroecologia ao longo do tempo, como compostagem, viveiros e bioconstruções. Fui me apropriando da causa agroecológica, despertando meu interesse cada vez mais pelos temas da agricultura sustentável e sua função social e ambiental. Isso me empolgava muito e, ao chegar em casa, sempre havia uma novidade para contar para minha mãe, que me contava que, quando adolescente na casa de seus pais, realizava práticas relacionadas àquelas que eu desenvolvia no GAE.

Foi uma motivação mútua, pois ela ficava feliz em me ver valorizando coisas que ela sempre fez e, eu feliz por poder reavivar essas memórias e conhecer práticas e pessoas que me aproximavam do mundo vivido pela minha mãe. Depois de muita conversa e relatos de experiências, resolvemos unir nossas vontades e então fazer um Sistema Agroflorestal (SAF) em nossas terras.

Em agosto de 2016, compramos algumas mudas e ficamos na dúvida quanto a organização do sistema, o que levou minha mãe a procurar a Emater, RS, que entrou em contato com a Embrapa por meio do pesquisador Joel Cardoso. A partir deste momento minha mãe foi convidada por ele para integrar o grupo de agricultores de Canguçu, que possuem ou querem implantar unidades experimentais participativas de SAFs (UEPs/SAFs).

Estas reuniões são organizadas através das metodologias participativas. No encontro em questão os agricultores foram convidados a refletir sobre os princípios de implantação e manejo de SAFs, além de cada participante interessado em implantar UEPs/



SAFs participar de uma dinâmica de planejamento que consiste em planejar a disposição das plantas e do próprio SAF, o que fez com que minha mãe sentisse autonomia e capacidade de desenvolver este trabalho.

Depois disso, marcamos a área em linhas, com distância entre linhas de 5 metros e 5 metros entre mudas, plantamos as mudas que já tínhamos, como frutíferas nativas (goiaba, araçá, pitanga, etc) e enxertos (citrus, pêra, caqui, kiwi, ameixa, etc). Logo após isso, no dia 1º de outubro realizamos um mutirão organizado por nós do GAE, contando com a presença da Embrapa e introduzindo na área frutíferas nativas, enxertos, madeiras. Foi um momento de trabalho prático, troca de saberes e técnicas agroflorestais muito enriquecedor, pois aliamos teoria, prática e conhecimento popular. Planejamos os consórcios com as mudas, fazendo o uso de feijão preto, carioca, guan-du, miúdo, de porco, girassol, abóbora e milho.



Figura 1 - Parte das pessoas presentes no primeiro mutirão para implantação do Sistema Agroflorestal (SAF)



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



A experiência tem envolvido integrantes do grupo de agroecologia, amigos, vizinhos, agricultores agroecológicos e todos aqueles que de alguma forma contribuem neste processo.

Desafios

Lidar diariamente com o machismo, que está culturalmente arraigado na nossa sociedade e que se expressa de forma intensa no campo, é o principal desafio para mulheres que tocam uma propriedade rural. O machismo no nosso meio faz com que homens e mulheres pensem que o uso de máquinas agrícolas, o serviço braçal e a tomada de decisões sejam atividades exclusivas de homens. Isso faz com que na maioria das famílias a opinião da mulher não seja valorizada/aceita, mesmo realizando as mesmas ou mais atividades que os homens. É preciso atuar com muita força e continuidade na mudança cultural para cada dia avançarmos mais no que diz respeito aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero.

A lógica de produção predominante também é um desafio a ser enfrentado, pois a todo momento há alguém para dizer que não vai dar certo, que sem agrotóxicos não produz, que há necessidade do uso de químicos e toda essa ideia imposta nas pessoas por interesse de quem os explora. Mas todos estamos vendo na prática que é possível cultivar de forma sustentável e em harmonia com as infinitas relações que existem no meio.

Como estamos no começo, desbravando o novo, muitos serão os desafios a serem enfrentados, mas a superação dos mesmos servirá como combustível para a nossa luta.

Resultados

Como Resultados podemos apontar

A motivação e autonomia que este processo está nos dando, visto que o sistema avança de forma muito rápida. Ao longo destes seis meses já colhemos 260 kg de feijão, 5 kg de semente de girassol, 50 kg de feijão-miúdo, milho e abóbora que ainda estão sendo colhidos.

O aumento da biodiversidade local, que já conta com mais de 30 espécies arbóreas perenes, dentre elas as nativas e pouco cultivadas guajuvira, cedro, chal-chal, grandiúva, guabiju, araçá, goiabeira, jerivá, pitangueira, louro-pardo e tantas outras. Todos nomes comuns na memória dos mais velhos, presentes em conversas com os vizinhos, amigos e parentes que vivem na região desde antes do período de tecnificação e especialização nos monocultivos, tanto por seus usos como cabos, lenha, mourões, quanto pela colheita de seus frutos.



O cultivo anual do milho crioulo também suscitou em minha mãe o resgate da memória de quando era criança, quando seus pais plantavam e colhiam milho de diferentes qualidades, a partir de onde obtinham farinha para o preparo de pães que alimentavam a família. Importante também foi a maneira de aquisição destas sementes através da troca com o GAE, que por sua vez vêm mantendo um banco de sementes motivado por estas interações.

Estas novas práticas que possibilitam resgatar nossas memórias e reconstruir a esperança em dias diferentes, também têm modificado positivamente nosso ambiente. Muitos insetos e pássaros são atraídos, além de já observamos mudanças na vida do solo pelo uso, desde as primeiras mudas plantadas, da palhada.

Este é um espaço de constante aprendizagem. Minha mãe diz que as mulheres têm mais prazer e bem-estar quando estão realmente conectadas com a terra e este é um resultado bastante importante na minha vida. Ainda este ano, vamos aumentar a área de agrofloresta e estamos nos organizando para participar de processos de comercialização dos alimentos agroecológicos que estamos produzindo.

Por mais que saibamos que há muito a fazer e aprender, estamos confiantes que nossa experiência avançará, contribuindo de forma aplicada para demonstrar a outros jovens e mulheres que a agroecologia é um caminho profícuo para construir uma agricultura sustentável e um mundo rural vivo.



Figura 2. Primeiras interações do SAF



Disseminação da experiência

A disseminação da experiência se dá mais a nível local, visto que a mesma é bastante recente. Está sendo disseminada pelas pessoas que aqui passam e se identificam com a nossa luta pela permanência da mulher na terra.



Figura 4 - Grupo de agricultores agroecológicos, extensionistas e vizinhos no SAF